



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA DA SILVA

PILOTO REVISTA AIMORÉ

Salvador

2009

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA DA SILVA

PILOTO REVISTA AIMORÉ

Memória do Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leonor Graciela Natansohn.

Salvador

2009

À minha mãe Maria Alice da Silva de Andrade, a quem devo o aprendizado das letras e da dignidade, por quem eu apresentaria o Jornal Nacional apenas para lhe fazer a vontade.

À minha mãe Dazilda Góes, pelas orações e pelo amor à distância.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Leonor Graciela Natansohn, minha querida orientadora e *maestra*, a mais “retada” das argentinas que conheço, pela generosidade ao longo de toda a minha vida acadêmica e, em especial, pela compreensão e confiança na feitura deste trabalho.

À Prof^a Dr^a Maria Lucineide Fontes, mundialmente conhecida como Malu, a mais sagaz e politicamente incorreta das professoras da Terra, pela franqueza cortante e por não ter declinado do convite para compor a banca examinadora.

A Alice Vargas, colega distante – mas onipresente – na Lupa, por também ter aceitado examinar este produto.

A Caio Sá Telles, amigo e parceiro, pela paciência, compromisso e perfeccionismo tomados ao extremo.

À queridíssima Ana Camila, por ter suprimido vírgulas e adicionado doçura à produção deste trabalho.

A Jamile Menezes, pelos olhos detrás da câmera.

A Tarcízio Silva, pai desnaturado da Aimoré, por ter contribuído, com sua psicologia inversa, para a execução compulsória deste projeto.

A Tamires Fukutani, Jéssica Neri e Renata Macambyra, sobreviventes da turma 2005.1, por terem me ensinado a não deixar os estudos atrapalharem a faculdade.

Aos fofíssimos do PETCOM/FACOM de todas as gerações, pela viagem ao Maranhão, pelas risadas e pelo acolhimento de sempre a este *Honoris Causa*.

Aos compadres Clenival Santana e Marilene dos Santos pelo “apoio logístico”, pelo carinho parental e pela honra de terem me escolhido para ser o padrinho do promissor Cássius Paulo.

A Adriano Pereira, meu irmão, pelas aventuras vida adentro.

A Núbia Dias, pela torcida sincera e pelo amor *ad infinitum*.

A Roberto Matos, pelos altos e baixos por que só as amigas verdadeiras passam.

A Luzileide Aragão, a pessoa mais generosa do mundo, por todas as manifestações simbólicas e materiais de amizade.

A Joseneida Eloi, pelos mais *nonsense* e divertidos diálogos “afrolusitanos”.

Aos tios Albérico Alves e Antônio Carlos, pelas expectativas.

Às tias Nilda e Adelaide, e à vovó Maria, pela tolerância à minha ingratidão.

À memória de Edcarlos Silva, meu irmão.

À amicíssima Maria Saavedra, a mais irritante e iluminada das criaturas holísticas do Universo, por conviver comigo e, ainda assim, continuar me amando.

A Zé Aloir, por ter dado cores fortes à minha vida este ano.

RESUMO

Esta memória se dedica à descrição de critérios e procedimentos adotados ao longo das etapas de elaboração do produto de natureza técnico-artística intitulado revista Aimoré, que se define como uma publicação jornalística com temática variada, destinada a um público-alvo que vive na cidade de Valença, no interior da Bahia. Serão apresentados nesta memória os projetos editorial e gráfico constituídos para a produção do número inicial da Aimoré, que poderão servir de subsídio para trabalhos que se disponham a estabelecer padrões e rotinas produtivas que norteiem a produção de números seguintes. Apesar de uma notável expansão de um campo profissional e de um mercado de consumo de produtos jornalísticos, ainda é perceptível a sua incipiência e a precariedade dos projetos gráficos e editoriais dos veículos impressos em circulação naquela cidade. O projeto Piloto Revista Aimoré se inscreveu nesse cenário como uma proposta de revista jornalística mensal, com projetos gráfico e editorial arrojados, que trate de personagens e temas locais.

Palavras-chave: Jornalismo de revista, projeto editorial, design gráfico.

Sumário

1. O projeto.....	8
1.1 Apresentação.....	8
1.2 Justificativa.....	9
2. Fazendo uma revista.....	11
2.1 As especificidades do formato.....	11
2.2 Modos de fazer.....	12
3. A revista Aimoré.....	14
3.1 Etapas de trabalho e colaborações.....	14
3.2 Projeto editorial.....	15
3.2.1 Nome da revista.....	15
3.2.2 Linha editorial.....	16
3.2.3 Público-alvo.....	16
3.2.4 Gêneros jornalísticos.....	17
3.2.5 Editorias e seções.....	19
3.3 Projeto gráfico.....	20
3.3.1 Identidade visual.....	21
3.3.2 Formato e tipo de papel.....	21
3.3.3 Grelha.....	22
3.3.4 Tipografia.....	23
3.3.5 Capa e logotipo	26
4. Considerações finais.....	27
Referências bibliográficas.....	29
Anexos.....	32

1. O projeto

1.1. Apresentação

Esta memória se dedica, exclusivamente, à descrição de critérios e procedimentos adotados ao longo das etapas de elaboração do produto de natureza técnico-artística intitulado revista Aimoré, que se define como uma publicação jornalística com temática variada, destinada a um público-alvo que vive na cidade de Valença, no interior da Bahia.

Torna-se indispensável ressaltar que não é incumbência desta memória a constituição de um manual de redação, estilo e diagramação do produto referido. O detalhamento dos parâmetros e processos adotados na produção do piloto da Aimoré pretende, portanto, conforme exigência acadêmica, justificar a pertinência do projeto em si e as escolhas adotadas para sua execução, mas não necessariamente se obriga a prescrever normas e práticas para a produção de edições posteriores.

Desta forma, serão apresentados nesta memória os projetos editorial e gráfico constituídos para a produção do número inicial da Aimoré, que poderão servir de subsídio para trabalhos que se disponham a estabelecer padrões e rotinas produtivas que norteiem a produção de números seguintes, inscrita ou não em um projeto comercial. Sendo assim, o Piloto Revista Aimoré, constituído do número zero da revista e desta memória descritiva, presta-se *a priori* como produto experimental concebido como trabalho de conclusão de graduação e se desincumbe de pretensões outras, sem, no entanto, descartá-las.

Tampouco é competência desta memória um debruçamento analítico sobre conceitos e técnicas empregados na concepção do piloto, a não ser quando se fizer estritamente necessário para justificar determinadas escolhas. Esta memória cumprirá seu objetivo se conseguir elucidar questões referentes às especificidades editoriais e gráficas que se apresentem na apreciação e análise do piloto e, quiçá, se puder servir como ponto de partida para a sobrevida da revista.

1.2 Justificativa

A opção pela produção de uma revista voltada para um público valenciano se deu motivada pelo entrelaçamento de razões pessoais e predileções acadêmicas. A escolha pela elaboração de um produto de natureza técnico-artística como trabalho de conclusão de curso foi consequência natural das minhas experiências ao longo da graduação, voltadas predominantemente para atividades de extensão relacionadas à elaboração dos produtos laboratoriais impressos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, a saber: o Jornal da Facom (JF) e, mais dedicadamente, a revista Lupa.

As experiências à frente das funções de repórter, editor, revisor e chefe de redação da Lupa, ao longo de seis edições semestrais da publicação, certamente me motivaram a decidir, quanto à natureza do TCC, pela modalidade revista. A escolha pela produção de um piloto – ou seja, de uma proposta realizada de produto – e não de um trabalho monográfico, pretendeu o exercício das habilidades adquiridas no decorrer dos processos de composição dos produtos laboratoriais já citados.

A produção de revistas jornalísticas, por sua vez, é modesta no mercado jornalístico baiano como um todo, se comparada à produção que existe nos estados

onde se concentra o maior contingente de empresas de comunicação do Brasil e os maiores públicos consumidores. Se é possível constatar isso na capital do Estado, onde está instalada a maior parte das editoras e gráficas e onde vive um aglomerado populacional mais denso, muito mais rarefeita é a produção de revistas no interior, a exemplo da cidade de Valença, localizada na região do Baixo Sul baiano, onde não se produz nenhuma publicação do gênero.

Tem-se constatado o aparecimento de novos veículos de comunicação em circulação naquela cidade, especialmente a partir do início desta década, o que aponta para a expansão de um campo profissional e para o desenvolvimento de um mercado de consumo de produtos jornalísticos. Dentre os veículos de comunicação que alcançam não apenas Valença, mas também a região circunvizinha, destacam-se as emissoras de rádio Valença FM, Rio Una FM e a Rádio Clube de Valença, os jornais impressos Rolando na Orla, Valença Agora, Costa do Dendê e A Voz da Região, todos com periodicidade semanal, e seus respectivos portais na internet.

Todavia, se é possível falar em expansão de um mercado de produtos jornalísticos em Valença, ainda é perceptível a sua incipiência e a precariedade dos projetos gráficos e editoriais dos veículos impressos em circulação na cidade. Invariavelmente, todos os jornais de Valença adotam um modelo de cobertura apoiado em notas, matérias curtas e informações de serviço, carente em profundidade e análise, e inadequado para a periodicidade semanal.

O projeto Piloto Revista Aimoré se inscreveu nesse cenário como uma proposta de revista mensal, com projetos gráfico e editorial arrojados, que trate de personagens e temas locais. O projeto, no entanto, destinou-se, exclusivamente, à produção do piloto da Aimoré, contudo, embora não tenha se comprometido com a

viabilização da produção da revista para fins de distribuição, a composição de um piloto constituído sob diretrizes gráficas e editoriais definidas pode até vir a orientar um possível projeto comercial da primeira revista jornalística da cidade de Valença.

2. Fazendo uma revista

2.1. As especificidades do veículo

O veículo revista possui especificidades que podem tornar a sua produção tão ou mais complexa que a feitura de um jornal ou de qualquer outro suporte jornalístico impresso. Existe um sem número de definições para o termo revista, de modo que é muito mais fácil compreender o conceito através das características comuns aos diversos tipos de publicação do gênero que circulam no mercado editorial do que escolher algum que encerre as possibilidades de categorização. Admitamos, no entanto, para efeito de simplificação, a definição de Patrícia Nascimento (2002, p. 18): revista é “uma publicação periódica de formato e temática variados que se difere do jornal pelo tratamento visual e pelo tratamento textual”.

Nessa perspectiva, ainda que comumente a periodicidade do veículo revista seja mais espaçada que o jornal – geralmente, jornais têm circulação diária, enquanto revistas são, mais das vezes, semanais ou mensais –, as características próprias das revistas demandam rotinas produtivas diferenciadas que deem conta de atividades complexas.

Em virtude da periodicidade, as revistas devem ter durabilidade maior que os jornais, tanto em termos de sobrevivência das matérias – nas revistas, tendem a ser mais “frias”, menos factuais, o que recomenda uma leitura mais demorada e aprofundada – quanto pelo fato de serem elas próprias, em função da razão anterior

ou por motivos outros, objetos colecionáveis produzidos a partir de materiais duráveis.

Se é razoável compreender que, quão mais espaçada a periodicidade de uma revista, mais sua composição física tenderá para a durabilidade, também deve-se levar em conta que não é apenas o intervalo entre edições o critério que determina, por exemplo, o formato e a gramatura do papel utilizado, mas também determinações como a relação entre custo de impressão e preço de venda, dentre outras.

Sobre a durabilidade da informação, quão mais alargada a periodicidade, menos presas as pautas devem estar à ordem dos acontecimentos. Por outro lado, quão mais informativa e factual se pretenda uma revista, mais ela terá de apresentar enfoques aprofundados e conteúdos pouco explorados se quiser oferecer um diferencial frente aos veículos que praticam uma cobertura mais imediata.

Tão ou mais importante quanto estas características é o fato de ser a revista um veículo produzido “sob encomenda” para um público muito mais segmentado que o da maior parte dos jornais. A segmentação de público resulta na diversificação de produtos disponíveis no mercado e se transforma, conseqüentemente, em estratégia para permanecer nele. Portanto, quanto mais esteja definido o público-alvo de uma revista e, por conseguinte, as especificidades dos temas abordados e a linguagem empregada, mais seus projetos editorial e gráfico devem atender às expectativas desse público.

2.2 Modos de fazer revista

Não existem fórmulas prontas e universais que deem conta da produção dos diversos tipos possíveis e existentes de revista. Existem, em contrapartida, cuidados

que devem ser tomados antes mesmo das etapas que dizem respeito à feição do produto vislumbrado. Resumidamente, é preciso antes de tudo haver planejamento estratégico.

As rotinas produtivas são determinadas por diversas variáveis, que vão desde a estrutura organizacional que se encarrega da produção até especificações técnicas que dizem respeito à natureza física do que se pretende produzir. A confecção de uma revista laboratorial como a Lupa (Facom/Ufba) demanda modos de produção totalmente distintos daqueles empregados por uma revista de jornalismo científico com caráter comercial, por exemplo. As distinções, nessa comparação, estão em quase todos os níveis, como na organização profissional responsável pela produção da revista e na divisão do trabalho aplicada, no caráter comercial ou não da publicação e nas particularidades de cada projeto editorial e gráfico.

A despeito dessas particularidades e da impossibilidade de se determinar uma lógica de produção que se aplique aos variados casos, é necessário de todo modo haver algum planejamento estratégico que preveja e minimize os constrangimentos de tempo e a eventual indisponibilidade de recursos materiais e humanos. Nesse sentido, a execução do projeto Piloto Revista Aimoré não prescindiu de um planejamento que desse conta da condução de todas as etapas de produção.

3. A revista Aimoré

3.1. Etapas de trabalho e colaborações

A elaboração de uma revista é, por essência, um trabalho colaborativo que mobiliza uma série de competências que raramente se encontram reunidas num mesmo indivíduo, e não houve exceção neste caso. Por esta razão, de modo a assegurar a autoralidade do projeto e, ao mesmo tempo, a sua execução em tempo hábil e condições favoráveis, foram desenvolvidos um cronograma de atividades e um quadro de divisão do trabalho que previa a participação de colaboradores.

Todas as etapas do processo foram previstas, desenvolvidas e supervisionadas pelo proponente do projeto. As etapas de elaboração de projeto gráfico, diagramação e produção e tratamento de imagens foram realizadas com suporte de colaboradores. Os créditos referentes a direitos autorais sobre material cedido e à colaboração na produção da revista estão também devidamente registrados no expediente e nos campos propícios.

Quadro de divisão de trabalho

Etapa	Colaboração	Jun/09	Jul/09	Ago/09	Set/09	Out/09	Nov/09
Elaboração de projeto editorial		X					
Elaboração de projeto gráfico	Caio Sá Telles ¹		X				
Elaboração de pautas				X			
Produção de textos				X	X		
Produção e tratamento de imagens	Caio Sá Telles e Jamile Menezes ²			X	X		
Edição de textos					X		
Diagramação	Caio Sá Telles				X	X	X
Revisão final	Ana Camila ³						X

¹ Graduando em jornalismo e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) da Facom/Ufba.

² Fotógrafa residente na cidade de Valença-BA.

³ Graduada em jornalismo pela Facom/Ufba.

3.2 Projeto editorial

3.2.1 Nome da revista

O termo aimoré, provavelmente de origem tupi, surgiu para designar o indivíduo pertencente a uma nação indígena que ocupava vastos territórios dos atuais estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, inclusive a atual região onde está situada Valença. Também chamados de tapuias, gueréns ou botocudos – em virtude de usarem ornamentos circulares nos lábios e orelhas, chamados de botoques –, os aimorés ocuparam durante séculos o território de Valença antes mesmo de os primeiros colonos portugueses chegarem ali no século XVI.

Grande parte dos registros históricos costuma se referir aos aimorés como guerreiros e violentos, por conta dos embates que eles travavam contra os colonos portugueses e até mesmo contra outras nações indígenas como os tupis. Segundo cronistas e historiadores, os aimorés foram responsáveis pelos sucessivos fracassos nas tentativas de colonização do território de Valença, até terem sido em parte dizimados, em parte dominados pelo domínio branco.

Embora a História os tenha registrado como bárbaros e sanguinolentos e construído relações de sentido depreciativas sobre o termo, a escolha do gentílico aimoré para nomear a revista visa sugerir uma relação positiva entre aqueles personagens históricos e quem seriam os “novos aimorés” da sociedade valenciana, os nativos ou habitantes de Valença que representam algum traço comportamental de abnegação, de pertença à cidade e/ou expressão intelectual que mereça destaque.

3.2.2. Linha editorial

A Aimoré se apresenta como uma publicação jornalística de temática ampla e variada que trata de assuntos e acontecimentos de interesse do público valenciano através de gêneros jornalísticos que privilegiem a construção de perfis psicológicos de personagens. Portanto, o gênero perfil é largamente utilizado como texto independente, na abertura de entrevistas e como recurso de humanização nas reportagens curtas, daí que podem surgir gêneros híbridos.

A publicação pretende tratar de assuntos de repercussão e interesse locais, dando prioridade aos gêneros jornalísticos que melhor permitam a exposição de ideias, a defesa de discursos e a delimitação de personalidades, sem, contudo, abrir mão dos rigores da objetividade e ética jornalísticas.

A humanização das pautas e o enfoque nas fontes se manifesta não apenas no predomínio das características narrativo-descritivas e biográficas presentes nos gêneros jornalísticos mencionados, como também na predileção pelo uso generoso de retratos e caricaturas como formatos ilustrativos que privilegiem a representação visual dos personagens.

3.2.3. Público-alvo

A Aimoré se destina a um público-alvo valenciano, jovem adulto a adulto, que se apraz da leitura de textos de variados gêneros e extensões. O leitor ideal de Aimoré se interessa por uma gama variada de assuntos, demonstra especial interesse em temas e personagens relativos à sua cidade, transita com facilidade entre textos curtos e longos, leves e densos, consome jornalismo literário e reivindica mais espaço destinado para imagens nas publicações.

3.2.4 Gêneros jornalísticos

Existem inúmeras categorizações sobre o que caracteriza e distingue os diversos tipos de gêneros textuais adotados em publicações jornalísticas, a maior parte delas, inclusive, não leva em consideração que a mescla de características de diferentes modalidades de texto acaba por produzir novos formatos cuja denominação ainda não logrou consenso. No entanto, não se pode desprezar a adoção de determinados conceitos que orientem a prática textual:

É fato que a classificação dos gêneros jornalísticos auxilia nossos estudos no campo comunicacional. Contudo, com a hibridação crescente das áreas e estilos, é tarefa impossível enquadrar todos os textos midiáticos em gêneros específicos. Uma prova disso encontra-se justamente nas diferentes classificações de teóricos brasileiros. Os gêneros devem, então, assumir o papel de bússolas, e não de mapas, nesta área do conhecimento em que a cada instante surgem novos horizontes. (LIESEN, 2007, p. 1)

Nesse sentido, os gêneros jornalísticos adotados na Aimoré podem ser classificados conforme algumas designações, o que não significa que estejam presos em categorias estanques. Não se trata de argumentar que Aimoré inaugure novas categorias de gênero, mas pode-se dizer que a recorrente hibridação extrapola categorizações mais rígidas através da combinação de gêneros diferentes:

Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um "texto" de hoje (também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à "poesia" quanto ao "romance" do século XIX, do mesmo modo que a "comédia lacrimajante" combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente. Nunca houve literatura sem gêneros; é um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente, o terreno dos próprios gêneros: no tempo, nada há de "anterior" aos gêneros. (TORODOV, 1980, p. 23)

Desta forma, pode-se afirmar que os gêneros jornalísticos adotado em Aimoré podem ser classificados, para efeito de análise, em reportagem, entrevista e perfil,

com predomínio deste último, seja como texto independente, seja em extensão menor (miniperfil) usado como elemento constitutivo de reportagens e entrevistas.

Sobre a definição de perfil:

Uma descrição para os perfis? Há algumas. Steve Weinberg os chama de biografia de curta duração (short-term biography); Oswaldo Coimbra, de "reportagem narrativo-descritiva de pessoa"; Muniz Sodré & Maria Helena Ferrari acham que deve ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história (a de sua própria vida), e de miniperfil o texto descritivo de uma personagem secundária inserido no momento em que ocorre uma interrupção ou um corte da narrativa principal. (VILAS BOAS, 2003, p. 16)

De acordo com classificação feita por Sodré e Ferrari (1986), pode-se dizer que os perfilados em Aimoré são: a) "personagens indivíduos", dos quais se constrói um delineamento psicológico quando o interesse da pauta se volta para o seu comportamento, atitude e /ou história de vida; e b) "personagens caricaturas", quando se pretende destacar aspectos humorísticos ou mesmo bizarros.

Quanto aos tipos de entrevista empregados em Aimoré, são, conforme classificação proposta por Lage (2006): a) temática, quando o entrevistado é alguém que se supõe *expert* em determinado tema, cuja pertinência se apoia em autoridade intelectual; e b) entrevista em profundidade, cujo enfoque é a figura do entrevistado e não necessariamente um tema em específico.

Já as reportagens em Aimoré podem ser classificadas, de acordo com os tipos descritos por Jorge Pedro Souza (2001), como: a) planejadas, possuem planejamento prévio; b) escritas em terceira pessoa; c) curtas; d) predominantemente narrativo-descritivas, com aspectos estéticos e formais mistos; e e) produzidas em linguagem informal.

3.2.5. Editorias e seções

A *Aimoré* se define como uma revista jornalística de temática variada, portanto não há restrições prévias sobre assuntos. Contudo, as editorias constantes do piloto sugerem um modo de organização do material informativo de forma a garantir uma acomodação coerente entre categorias de sentido e entre gêneros jornalísticos. Desta forma, é possível, ao mesmo tempo, delinear uma disposição do conteúdo e sugerir um percurso de leitura, sem, com isso, restringir a possibilidade de exploração de temáticas e assuntos não previstos no piloto em virtude de constrangimentos de espaço.

Como destaca Tarcízio Silva (2009), “apesar da inconstância terminológica, a editoria costuma ser cada unidade temática/textual do conteúdo principal, enquanto a seção costuma ser os conteúdos editoriais extras e fixos, como índice, notas, editorial, horóscopo, etc.”. Adote-se aqui esta mesma diferenciação.

Quanto às seções constantes do piloto da *Aimoré*, encontram-se: Sumário, Carta ao Leitor e Expediente. Por não haver comentários e críticas de leitores, justifica-se a ausência de uma seção destinada para tal no piloto.

Como resultado de um esforço para dar conta de uma ampla gama de assuntos tratáveis, as editorias ficaram assim constituídas:

- a) **P&B:** Ensaios fotográficos e fotorreportagens sobre temática livre, produzidos em preto e branco, que devem ocupar as páginas 2 e 3, 20 e 21 (miolo) e 38 e 39.
- b) **Entrelinhas:** Entrevistas extensas sobre temática livre. Em havendo mais de uma, optou-se por não deixá-las em sequência, mas por distribuídas ao

longo da revista, como usualmente se faz. A lógica de organização do conteúdo nesta editoria permite que nela sejam enquadrados um sem-número de assuntos.

- c) **Megafone:** Reportagens curtas e perfis sobre personalidades dos *media*, das artes, da educação e de outros meios e campos que se utilizem de diferentes linguagens para falar sobre/com públicos diversos. Espaço para crítica de produtos midiáticos.
- d) **In Memoriam:** Perfis sobre personalidades falecidas.
- e) **Sobre_viventes:** Reportagens e perfis sobre indivíduos, instituições, grupos e comunidades em situação de maus tratos, exploração, risco de morte ou extinção e vulnerabilidade sócio-econômica.
- f) **Outrora:** Reportagens e perfis sobre personagens e lugares antigos que contem a história da Valença do século XX.

3.3. Projeto gráfico

3.3.1. Identidade visual

Um dos maiores desafios do processo de elaboração de um projeto de revista é garantir que o produto tenha uma fisionomia que o distinga das demais publicações, e que esta feição seja agradável e seduza para a leitura. Para tanto, é indispensável a elaboração de um projeto gráfico que atenda às especificidades do projeto editorial da publicação. A escolha correta dos elementos que compõem o produto é crucial para sua identificação imediata enquanto tal e, tão importante quanto, para sua identidade visual:

Os padrões de cores e de fontes, a disposição do texto e das imagens estabelecidos pelo planejamento gráfico são fatores que colaboram na formação da identidade de um impresso e de seu arranjo gráfico. Esse arranjo passa a atuar como discurso gráfico a partir do momento que possui uma linguagem específica e uma rede de significações. (BORGES, 2007, p. 39)

Desta forma, a fim de fazer corresponder no aspecto gráfico a proposta editorial da Aimoré, a seleção da natureza e da disposição dos elementos gráficos no produto se deu na tentativa de privilegiar, quanto possível, a relação entre texto e imagem e as especificidades de cada linguagem. Buscou-se elaborar um projeto gráfico discreto, com ênfase no conteúdo textual, mas que também desse tratamento generoso às imagens. Houve grande preocupação com o equilíbrio na composição das páginas, de modo que se garantisse tanto conforto e legibilidade na leitura de textos extensos, quanto deleite na apreciação de conteúdos imagéticos.

Outro princípio que norteou as escolhas do projeto gráfico foi o princípio da economia de estímulos, a fim de garantir um produto que seja tão informativo quanto sofisticado. Desta forma, usaram-se os elementos gráficos estritamente necessários para compor páginas que convidassem à leitura e a apreciação, descritos a seguir.

3.3.2. Formato e tipo de papel

A piloto da Aimoré contém 40 páginas em formato A4, impressão em policromia, encadernação tipo canoa (dobra e grampo). Escolheu-se esse clássico formato para garantir a portabilidade do produto e para que se pudesse utilizar a maior área possível para a disposição de texto e imagem nas páginas duplas. O tipo de papel (couché brilhante 170g para a capa e 170g fosco para o miolo) foi escolhido para favorecer a durabilidade do produto, a legibilidade dos textos e a visibilidade das imagens.

3.3.3. Grelha

Também chamadas de malha gráfica, grade ou *grid*, a grelha é a estrutura onde se dispõem os elementos textuais e imagéticos na página da revista. No caso da *Aimoré*, a grelha é simples e apenas determina com alguma rigidez a largura das colunas de texto. A disposição e o número de colunas por página (três) são constantes, embora não haja regra quanto a altura delas e eventualmente, para dar mais espaço branco ou imagens às páginas, algumas não venham preenchidas com texto. Quando houver apenas uma coluna de texto na página, ela terá a largura equivalente a uma coluna e meia.

A grelha de *Aimoré* permite que as imagens tanto possam ser dispostas dentro das margens da página, quanto que elas sangrem (extrapolem o limite da página), podendo apresentar dimensões variadas, que vão até a totalidade de uma página ou página dupla (duas páginas ou formato A3). À exceção das fotografias que ocupam uma ou duas páginas inteiras, as imagens geralmente vêm alinhadas aos limites superior esquerdo da página, sangradas ou não. Há flexibilidade para que se usem imagens flutuantes, desde que não obriguem ao estreitamento das colunas de texto. Títulos e linhas de apoio podem ocupar a largura de duas colunas, duas colunas e meia ou três colunas, nem sempre alinhados verticalmente às colunas de texto.

Cada matéria da *Aimoré* tem uma diagramação própria. O agrupamento das diferentes possibilidades de composição de página pode servir como conjunto de páginas-modelo para futuras edições ou, ao menos, sugerir novos arranjos.


3.3.4. Tipografia

A escolha das fontes se deu fim de garantir legibilidade e sofisticação aos textos. Para isso, optou por uma fonte serifada para o conteúdo textual propriamente dito, usualmente associada a uma estética livresca e conservadora, em contraste com o emprego de fontes não serifadas nos demais elementos de páginas, para conferir uma aproximação com uma tipografia mais moderna. A seguir, a descrição das fontes empregadas:

- a) Título: **VERUNUM ENATUM REM AUS?** (Carbon Block, regular).

Observação: Os títulos têm tamanhos variados e são coloridos de acordo com tons predominantes nas imagens dispostas na página.

- b) Linha de apoio: Verunum enatum rem aus? (Calibri, regular, corpo 11, espaçamento entre linhas 12) .

- c) Capitular: alifornian FB (Californian, regular, altura de quatro linhas).

Observação: Optou-se por usar a capitular apenas no primeiro parágrafo do texto.

d) Texto: Verunum enatum rem aus? (Californian, regular, corpo 10, espaçamento entre linhas 12).

e) Olho: **Verunum enatum rem aus?** (Californian FB, negrito, corpo 18, espaçamento entre linhas variável).

Observação: Na Aimoré, o olho é o próprio excerto de texto que vem destacado – e não uma repetição –, portanto vem dentro da coluna, alinhado verticalmente a ela, separa-se do texto anterior e seguinte com espaçamento duplo e se destaca da mancha gráfica pelo aumento e encorpamento da fonte, que pode vir colorida. Além disso, vem acompanhado dos sinais gráficos “<<” e “>>”, que correspondem a aspas.

f) Intertítulos: **VERUNUM ENATUM REM AUS?** (Carbon Block, regular, corpo 12, espaçamento entre linhas 12).

Observação: Os intertítulos podem vir na mesma cor dos títulos correspondentes ou em preto. O intertítulo vem imediatamente seguido do texto a que se refere, sem espaçamento de linha.

g) Créditos de imagem: Verunum enatum rem aus? (Trebuchet, regular, corpo 6).

- h) Título de informação de serviço: **VERUNUM ENATUM REM AUS?** (Carbon Block, regular, corpo 12, espaçamento entre linhas 12).
- i) Texto de informação de serviço: **Verunum enatum rem aus?** (Candara, regular, corpo 10, espaçamento entre linhas 12)
- j) Etiqueta de editoria: **entrelinhas** (Impact, regular, corpo 18).

Observação: A etiqueta virá verticalizada no topo direito das páginas internas ímpares e poderá ser suprimida nos casos em que as imagens sangradas prejudicarem a sua visibilidade.

- k) Numeração de página: **1234567890** (Impact, regular, corpo 24).

Observação: A numeração virá nas extremidades superiores das páginas.

- l) Marca da revista e indicação de número no rodapé:

aimore **NÚMERO ZERO** (Rockwell, regular, corpo 24 / Carbon Block


(regular, corpo 16)

- m) Legenda de imagem: **Verunum enatum rem aus?** Calibri (regular, corpo 8)

- n) Título do sumário: **sumário** (Impact, regular, 30)

Observação: no sumário, preservam-se as fontes das etiquetas de editoria, títulos das matérias, linhas de apoio e indicação de páginas constantes do interior da revista; alteram-se apenas os tamanhos.

o) Texto do expediente: Verunum enatum rem aus? (Calibri, regular/negrito, corpo 8)

p) Sinal de finalização de texto:  (Letra “e” minúscula em Rockwell e sinal gráfico equivalente a um acento agudo)

3.3.5. Capa e logotipo

A capa do piloto da Aimoré é composta apenas de ilustração, logotipo e indicação de edição. Optou-se por não incluir nela chamadas para matérias ou quaisquer outros elementos de indexação. Uma vez que o piloto se inscreve numa modalidade experimental e não comercial, não houve impedimentos para tal escolha. Caso a publicação tenha sobrevivido e se insira num projeto comercial, recomenda-se que constem da capa elementos que chamem a atenção dos leitores e os seduzam para o consumo.

O logotipo foi concebido a partir da fonte Rockwell, com a inserção de um elemento gráfico correspondente ao acento agudo. Não é muito comum a escolha de uma fonte serifada como logotipo de uma revista. Estabeleceu-se como um clichê do design que fontes serifadas são mais adequadas para textos longos, que exijam fontes com corpo pequeno, ao passo que as não serifadas seriam mais adequadas para dar um acabamento mais elegante a logotipos, etiquetas e outros elementos textuais. No caso da Aimoré, apostou-se na elegância da fonte serifada. Ao contrário

do que faz a maior parte das publicações, optou-se ainda por dispor o logotipo na parte inferior direita da capa.



Fig. 1 Logotipo da revista Aimoré

4. Considerações finais

A produção de uma revista é um trabalho hercúleo. São tantas as etapas indispensáveis ao êxito do projeto – que devem ser cumpridas em tempo hábil – e tantas as competências mobilizadas, que a sua execução certamente lograria mais sucesso se o trabalho fosse inteiramente desempenhado por uma equipe. Neste caso, se o projeto tem algum mérito, deve-o em boa parte à participação de colaboradores.

Se, por um lado, se reconhece que o piloto da Aimoré pode e deve ser aprimorado para que possa ganhar uma feição de fato publicável – quiçá comercializável – , por outro realiza-se aqui um desejo. O projeto Piloto Revista Aimoré partiu do princípio de que é possível – e recomendável – que os formandos das faculdades de jornalismo apresentem propostas e alternativas exequíveis e fujam dos discursos meramente críticos – e tantas vezes vazios – sobre o que se produz ou se deixa de produzir no mercado das publicações.

As atividades de extensão desenvolvidas na academia, mais das vezes, são, equivocadamente, desprestigiadas em relação à pesquisa. O “saber saber” ainda é privilegiado em detrimento do “saber fazer”, tanto em termos de reconhecimento social quanto em termos de investimento de recursos.

O projeto Piloto Revista Aimoré é resultado da soma de experiências adquiridas ao longo de processos de aprendizagem desenvolvidos nas disciplinas laboratoriais da Faculdade de Comunicação da Ufba. Seus méritos e deméritos decorrem, em grande parte, dos sucessos e insucessos compartilhados ao longo da vida acadêmica.

É justo reconhecer o esforço empregado pela Faculdade de Comunicação da Ufba no sentido de dar o subsídio necessário às disciplinas responsáveis pela confecção dos seus produtos laboratoriais e, sobretudo, é fundamental registrar o empenho dos docentes, monitores e estudantes neles envolvidos. No entanto, ainda é lamentável o fato de os graduandos desta Instituição se verem obrigados a aprender sobre princípios elementares do design gráfico, por exemplo, fora das salas de aula, uma vez que a grade curricular deixa de contemplar, neste caso, algumas habilidades indispensáveis para a formação de um bom jornalista de revista.

Afora isto, espera-se que este projeto cumpra mais do que uma obrigação curricular, mas possa tanto servir de iniciativa para que se produzam mais revistas dentro da academia, quanto possa servir de incentivo para que, senão a Aimoré, publicações possam emergir no mercado jornalístico valenciano.

Referências bibliográficas

BORGES, Haydée. **O design gráfico como identidade**: uma abordagem sobre a Revista MTV. 2007. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

LAGE, Nilson. **Estruturas de Textos Midiáticos**. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/lage-textomidia.html>. Acesso em 18 out. 2009

_____. **Linguagem jornalística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIESEN, Maurício. **Gêneros jornalísticos**: bússolas para investigações. Revista Eletrônica Temática. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2007/11.pdf>. Acesso em: 18 out. 2009.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Tarcízio. **Diagramando revistas culturais**: reflexões sobre a Revista Fraude. 2009. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

SOUSA, J.P. **As notícias e seus efeitos:** As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior de Portugal. Porto: 1999. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html. Acesso em: 17 out. 2009.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena: **Perfil:** o personagem em destaque. In: Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso.** Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VARGAS, Alice. **Manual de diagramação da revista Lupa.** Salvador, 2006. (Circulação restrita)

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

Bibliografia consultada

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto Gráfico:** Teoria e Prática na Diagramação. São Paulo: Summus, 1987.

CONRADO, Mariana Souza. **Perfis jornalísticos:** Análise da construção de histórias nas reportagens das revistas Oi, RG Vogue, Trip e Placar. 2007. 113 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Centro Universitário de Belo Horizonte.

FUENTES, Rodolfo. **A Prática do Design Gráfico: uma Metodologia Criativa**. São Paulo: Editora Rosari, 2006.

KOPP, Rudinei. **Design gráfico cambiante**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PAZ, Alessandra Rodrigues da e CASTILHO, Araripe Valderi. **Jornalismo: profissão revista**. 2006. 174 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Metodista de Piracicaba.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual Gráfico**. Brasília: LGE, 2003.

SILVA, Amanda. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro**. Revista Eletrônica Temática. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2009/Outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf. Acesso em: 24 out. 2009.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Summus, 1985.

VAZ, Paulo Bernardo e MINTZ, André Góes. **Piauí, em busca do leitor perdido**. Belo Horizonte, 2007, UFMG.

ANEXO – Pautas

Seção:

(X) P&B

() Entrelinhas

() Megafone

() In Memoriam

() Sobre_viventes

() Outrora

Título: Lavagem da Igreja de Nossa Senhora do Amparo

Tema: Ensaio fotográfico do cortejo da Lavagem da Igreja do Amparo, em Valença.

Objetivo da matéria:

Retratar flagrantes da lavagem, personagens típicos da lavagem (baianas, artistas populares, políticos).

Contexto/ história:

A Lavagem do Amparo é a maior celebração ecumênica da cidade de Valença, pois reúne católicos e candomblecistas nas ruas da cidade e no entorno da igreja. O evento faz parte da programação religiosa que celebra a padroeira Nossa Senhora do Amparo. A tradicional lavagem, que ocorre no último domingo do mês de outubro, leva centenas de valencianos e turistas às ruas. O evento é também palco de manifestações culturais e políticas.

Fontes/contatos:

Imagens:

As imagens serão produzidas pelo próprio repórter, com câmera digital, em p&b.

Seção:

- P&B
- Entrelinhas
- Megafone
- In Memoriam
- Sobre_viventes
- Outrora

Título: Entrevista com Araken Vaz Galvão

Tema: Entrevista com o escritor Araken Vaz Galvão sobre sua trajetória de vida e um pouco da história de Valença, contada no livro “Valença: Memória de uma Cidade”, de sua autoria.

Objetivo da matéria:

Fazer uma breve biografia de Araken e elucidar questões referentes à presença dos aimorés na formação de Valença e de seu povo.

Contexto/ história:

Araken Vaz Galvão é um dos expoentes da intelectualidade valenciana. Sabe-se que foi militar, participou da formação de uma guerrilha contra a Ditadura Militar no Brasil, foi exilado e produziu literatura e cinema nos países onde viveu. Participou ainda do documentário Caparaó, que conta a história da tentativa de guerrilha, ganhador do Festival É Tudo Verdade, edição do ano 2006. Vive há quase vinte anos em Valença, onde escreve com periodicidade para um jornal. Escreveu o livro “Valença: Memória de uma Cidade”, um dos mais completos trabalhos realizados sobre a história da cidade. É membro-fundador da AVELA (Academia Valenciana de Educação, Letras e Artes).

Fontes/contatos:

Araken Vaz Galvão: 75 3641-3289

Imagens:

Imagens de divulgação do entrevistado, pois sabe-se que ele não é muito afeito a fazer fotos em entrevistas.

Seção:

- P&B
- Entrelinhas
- Megafone
- In Memoriam
- Sobre_viventes
- Outrora

Título: Entrevista com Carlos Eduardo Alves

Tema: Entrevista com o ambientalista Carlos Eduardo Alves sobre sua trajetória de vida e no movimento e, ainda, sobre problemas ecológicos em Valença.

Objetivo da matéria:

Fazer uma breve biografia de Carlos e elucidar questões referentes aos problemas de ordem ambiental por que passa a cidade de Valença, especialmente no tocante aos recursos hídricos e tratamento do lixo. .

Contexto/ história:

Carlos Eduardo Alves é atualmente membro-fundador do Ideia, ONG ambientalista com sede em Valença. Carlos vive há quinze anos em Valença, fundou e manteve durante anos o MAR, Movimento Ambientalista Regional, que produzia um jornal chamado Andada. Carlos foi ainda membro do Conselho de Defesa Ambiental de Valença.

Fontes/contatos:

Carlos Eduardo Alves: 75 3641-9761

Imagens:

Imagens do entrevistado, da residência onde vive, produzidas pelo próprio repórter, em policromia, com câmera digital.

Seção:

- P&B
- Entrelinhas
- Megafone
- In Memoriam
- Sobre_viventes
- Outrora

Título: Perfil do jornalista Rodrigo Mário

Tema: Perfil de Rodrigo Mário, redator-fundador do Rolando na Orla, sobre sua trajetória de vida, sua vinda a Valença, a criação do jornal e a participação na organização da primeira parada gay de Valença.

Objetivo da matéria:

Apresentar aspectos curiosos da biografia de Rodrigo, questionar a linha editorial do Rolando na Orla e elucidar dúvidas quanto à sua participação na parada gay de Valença.

Contexto/ história:

Rodrigo, que é santoamarense, foi um dos mais polêmicos barraqueiros da orla de Valença. Seu jornal adota uma linha editorial escrachada e confusa e é vendido nas bancas de Valença há quase dez anos. Há quatro anos, Rodrigo fez fama na cidade ao comandar a organização da primeira parada gay de Valença.

Fontes/contatos:

Rodrigo Mário: 75 3641-9761

WWW.rolandonaorla.com.br

Imagens:

Imagens do entrevistado durante a entrevista, imagens de divulgação da parada gay. Pensa-se em fazer uma caricatura do entrevistado.

Seção:

- P&B
- Entrelinhas
- Megafone
- In Memoriam
- Sobre_viventes
- Outrora

Título: Matéria sobre o programa Alacazum

Tema: Matéria sobre o programa radiofônico Alacazum, da poeta valenciana Celeste Martinez.

Objetivo da matéria:

Divulgar o programa Alacazum e saber da sua idealizadora as influências que buscou para elaborar o formato. Fazer uma breve biografia de Celeste.

Contexto/ história:

Celeste Martinez é uma poeta valenciana com certa projeção, ganhou alguns prêmios importantes na área da literatura. Há alguns anos leva ao ar pela Rádio Clube de Valença o programa Alacazum, com conteúdo musical e literário. Celeste ganhou um edital do Ministério da Cultura para abrir um Ponto de Leitura na sede do Alacazum.

Fontes/contatos:

Celeste Martinez: WWW.alacazum.blogspot.com / alacazum@hotmail.com

Imagens:

Imagens de Celeste e da fachada da sua casa.

Seção:

- P&B
- Entrelinhas
- Megafone
- In Memoriam
- Sobre_viventes
- Outrora

Título: Perfil de Vanilton Costa

Tema: Perfil do ator valenciano Vanilton Costa, morto em 2005, a partir de depoimentos de amigos e familiares.

Objetivo da matéria:

Colher depoimentos de amigos, colegas de profissão e familiares de Vanilton para compor um perfil do homem e do artista.

Contexto/ história:

Vanilton foi um dos maiores atores valencianos de sua geração. Kursou quase a metade do curso de direção teatral na UFBA. Fez dezenas de espetáculos tanto em Valença quanto em Salvador. Trabalhou na parte administrativa do Centro de Cultura de Valença. Morreu em 2005, em decorrência de complicações por conta da infecção pelo HIV.

Fontes/contatos:

Maria das Graças (irmã): mora na Vila Operária.

Juliano Britto (ator e amigo): 75 99812547

Irene Doris (atriz e amiga): 75 36415171

Otávio Motta (diretor e amigo): trabalha no Centro de Cultura de Valença, bairro da Graça.

Imagens:

Imagens do ator e dos personagens em cena (acervo pessoal).

Seção:

- P&B
- Entrelinhas
- Megafone
- In Memoriam
- Sobre_viventes
- Outrora

Título: Matéria sobre o Lar dos Velinhos de Valença

Tema: Matéria sobre a estrutura do Lar dos Velinhos de Valença e como vivem os idosos que residente na entidade.

Objetivo da matéria:

Averiguar as condições em que se encontra o Lar dos Velinhos, suas dependências físicas e serviços, frente às necessidades dos idosos. Entrevistar os idosos para saber das razões pelas quais foram parar num asilo. Não é objetivo da matéria ser denunciata, mas chamar a atenção para este problema.

Contexto/ história:

O Lar dos Velinhos de Valença é uma entidade filantrópica, mantida parcialmente por recursos públicos, que carece de uma série de serviços e de reformas na estrutura.

Fontes/contatos:

Administradora, enfermeiras e idosos abrigados.

Lar dos Velinhos de Valença: Rua Teixeira de Freitas, Centro, Valença, Ba.

Imagens:

Imagens dos velinhos.

Seção:

- P&B
- Entrelinhas
- Megafone
- In Memoriam
- Sobre_viventes
- Outrora

Título: Perfil do armarinho de Seu Corinto

Tema: Perfil do armarinho mantido por Seu Corinto e Dona Litinha, que ainda resiste no Calçadão de Valença.

Objetivo da matéria:

Registrar a história do armarinho e do casal.

Contexto/ história:

O armarinho de Seu Corinto é o estabelecimento mais antigo em atividade no Calçadão de Valença. Comprimida entre grandes lojas de eletrodomésticos e variedades, a lojinha resiste. Seu Corinto fundou o armarinho no começo dos anos 40, no auge da Segunda Guerra Mundial, e há quase quarenta anos toca o negócio com o auxílio da sua esposa.

Fontes/contatos:

Seu Corinto e Dona Litinha.

Armarinho: Calçadão de Valença.

Imagens:

Imagens do casa, do mobiliário antigo, artigos de confecção, imagens religiosas e outros artefatos.